

OLHARES EPISTÊMICOS E(M) RELAÇÕES DIALÓGICAS: O GÊNERO DISCURSIVO CAPA DE REVISTA

EPISTEMIC GLANCES IN DIALOGICAL RELATIONS: THE DISCURSIVE GENRE MAGAZINE COVER

José Marciano Marcolino Leal*

Pedro Farias Francelino**

Wilder Cleber Fernandes de Santana***

Resumo: *Este trabalho delimitou como categorias para o estudo o dialogismo e o discurso, constitutivas do pensamento de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Para tanto, selecionou-se como corpus a uma das capas da revista IstoÉ, Nº 2548, publicada em 24 de outubro de 2018, no intuito de averiguar a incidência das relações dialógico-discursivas para concretização dos enunciados verbo-visuais. Embasada na teoria dos gêneros discursivos proposta e desenvolvida por Bakhtin (2006 [1979]), esta pesquisa procurou discursivizar os elementos presentes na capa da revista IstoÉ, a qual trouxe, como tema central, a candidatura do presidencial petista Fernando Haddad.*

Palavras-chave: *Dialogismo. Discurso. Gênero discursivo. Capa de revista. IstoÉ.*

Abstract: *This paper delimited delimited as categories for the study the dialogism and the discourse, constitutive of the thought of Bakhtin, Volóchinov and Medviédev. For this purpose, it was selected as a corpus for one of the covers of IstoÉ magazine, Nº 2548, published on October 24, 2018, in order to investigate the incidence of dialogical-discursive relations for the concretization of verb-visual statements. Based on the theory of discursive genres proposed and developed by Bakhtin (2006 [1979]), this research sought to discursing the elements present in the cover of IstoÉ magazine, which brought, as central theme, the candidacy of the presidential candidate Fernando Haddad.*

Keywords: *Dialogism. Speech. Discursive genre. Magazine cover. IstoÉ.*

* Doutorando em Linguística na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: Luciano-leal@hotmail.com

** Pós-doutor em Linguística pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Atua nas áreas de Língua Portuguesa e Linguística. É Líder do GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação).

*** Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre e Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Nacional, 2016); Mestrando em Arqueologia Bíblica (Faculdade Teológica Nacional, 2017) e Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). É integrante do GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação).

Considerações iniciais

A capa de revista, enquanto gênero discursivo¹, é orquestrada por uma linguagem verbo-visual, visceralmente atrelada a significados plurais, uma vez que os signos verbais e visuais convocam, dialogicamente, efeitos de sentido e pontos de vista sócio-historicamente situados. Desse modo, os sujeitos sociais, ao mobilizarem esse gênero para construção de sentido, utilizam estratégias enunciativas e discursivas, estabelecendo, assim, relações dialógicas com outros discursos já-ditos e até mesmo outras esferas socio-discursivas.

O princípio dialógico da linguagem torna-se fundamental para a ocorrência da interdiscursividade entre concepções ideológicas, ou os discursos em constante atravessamento, os quais são adornados nas cadências de linguagem através de fios condutores. O dialogismo, portanto, promove a compreensão responsiva ativa de textos e discursos.

Este trabalho, de modo geral, tem como viés norteador, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), refletir sobre as relações dialógicas e valorativas no gênero capa de revista, da esfera social do jornalismo, especificamente do eixo jornalístico impresso, no âmbito cronotópico² das eleições presidenciais de 2018, no Brasil.

Para tanto, selecionou-se, inicialmente³, uma capa publicada na revista IstoÉ – Nº 2548, publicada em 24 de outubro de 2018, e analisamos à luz dos pressupostos teóricos propostos pelo Círculo de Bakhtin, acerca das relações dialógicas e da valoração. Assim, delimitou-se como objetivo analisar, brevemente, as estratégias dialógico-discursivas materializadas na capa da revista IstoÉ – edição mencionada – que apresenta, como tema central, a candidatura do presidencial petista Fernando Haddad.

Nesse ínterim, recorreu-se aos pressupostos teórico-metodológicos dos pensadores russos Mikhail Bakhtin (2010[1920-1924]), 2006 [1979]), Valentín

¹ Destacamos que no tópico 2 apresentaremos a capa de revista como um gênero discursivo a partir da perspectiva bakhtiniana.

² A cronotopia é uma categoria criada e mobilizada pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, e refere-se à espaço-temporalidade em que os grandes discursos estão inseridos, esses que são atravessados na história, resgatando memórias e vozes interconstitutivas.

³ Vale ressaltar que esta análise possui um caráter embrionário, pois trata-se de uma investigação maior em desenvolvimento, onde averiguamos como tal revista valorou, cronotopicamente, a candidatura do candidato à presidência Fernando Haddad durante as eleições presidenciais de 2018.

Volochínov (2017 [1929]) e Pável Medviédev (2016 [1928]), os quais, em abordagens de estudo filosófico, sociológico e linguístico-discursivo, “compõem uma terceira vertente, que compreende a língua como forma de interação entre os sujeitos organizados e situada sócio-historicamente” (SANTANA, 2018, p. 167), na medida em que mobilizam categorias como valoração, dialogismo, acento apreciativo, interação. É com base na Análise Dialógica do Discurso que se corporifica nosso trabalho.

No que respeita à estrutura tópica, na primeira seção abordou-se sobre as relações dialógicas e valorativas⁴, ambas categorias bakhtinianas. Na segunda seção, condensou-se a análise, em que procurou-se tecer olhares dialógico-discursivos sobre a capa da revista IstoÉ - Nº 2548. Após isso, seguem-se as considerações finais e as referências.

1. Relações dialógico-discursivas

Para composição desta seção, além das formulações de Bakhtin (2010 [1930-1934]), 2006 [1979]), Valentin Volóchinov (2017 [1929]) e Pável Medviédev (2016 [1928]), recorreu-se às seguintes produções: *Tema e significação em tirinhas: nas reminiscências de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov* (NASCIMENTO, SANTANA & LEAL, 2018) e *Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos* (Santana, 2018). Tendo em vista os argumentos dispostos, é possível passar às incursões sobre dialogismo e valoração.

O princípio dialógico defendido por Bakhtin e o Círculo⁵ propõe a imagem do sujeito num processo de comunicação interativa, no qual o *eu* é visto e reconhecido por meio do *outro*, na imagem que o outro faz deste *eu*. Nesse sentido, o *outro* se projeta

⁴ A expressão “relações valorativas” faz menção ao princípio da valoração mobilizado pelo círculo de Bakhtin (2010[1920-1924]), 2006 [1979]),, que, por sua vez, representa os panoramas sociais de valor que são atribuídos, por um ou mais sujeitos, discursivamente, desde que sejam levadas em conta condições históricas e ideológicas de produção. Esse conceito não está vinculado a práticas sociais apenas no nível ético (da vida), mas também no estético (na arte, na literatura), e por esse motivo são perceptíveis valorações por parte de autor e narrador, em romances e demais gêneros discursivos. Para o caso específico de nosso trabalho, as relações valorativas ganharam concretização na medida em que observamos como Fernando Haddad e os demais sujeitos foram construídos, ou seja, a revista IstoÉ estabeleceu relações de valor às personagens tendo em vista uma panorama histórico-político-social, sem desvilcular-se do grande tempo em que estão inseridos.

⁵ Quanto às expressões “Bakhtin e o Círculo” ou “Círculo de Bakhtin”, referem-se a um grupo de intelectuais que se reuniu com frequência entre os anos de 1919 e 1929 em cidades russas, como Nevel, Vitebsk e São Petersburgo, em que debatiam sobre ideias e propostas filosóficas. Para o caso específico de nosso trabalho, recorreremos apenas a Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medvedev. Outros integrantes eram Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina e Lev. V. Pumpianski.

em mim e *eu* me projeto no *outro*, uma vez que essa comunicação dialógica requer reflexos intersubjetivos, e que afirmemos um para o outro a existência de multiplicidades do *eu*. E esse foi o princípio da interação, no mundo da vida e no mundo da arte, que conduziu Bakhtin a agenciar o conceito de dialogismo em contraposição à concepção monológica da enunciação (SANTANA, 2018). Assim, projeta o filósofo:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

Desta feita, tendo por base os estudos dialógicos, a ADD compreende as relações dialógicas como formas de comunicação verbal e extra-verbal as quais transcendem as perspectivas de estudos formalistas. Na abordagem dialógica o discurso enunciado pelo sujeito convoca sentidos para além do próprio objeto de seu discurso no processo de comunicação, como: o modo como enuncia, as escolhas lexicais atribuídas, o espaço e o tempo do evento, relativamente moldados em campos discursivos da linguagem. Dessa forma, a produção do discurso implica na mobilização de redes de relações dialógicas, expressas pela linguagem, convocadas por meio de um ponto de vista “que passa a refratar e refletir outra realidade” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 92). Ainda segundo este estudioso,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 229, destaques dos autores).

Esses conceitos de linguagem e língua refiguram a tradição formalista, a qual concebia isoladamente o objeto dos estudos da linguagem, ou seja, a língua como sistema mecânico para operacionalizações internas. Em contrapartida, os pressupostos defendidos pelo círculo de Bakhtin propõem o enfoque contínuo em

elementos essenciais à compreensão da linguagem, como o sujeito, a história e as condições de produção dos discursos. Essa postura metodológica torna-se coerente para a completude das especificidades de análise de qualquer objeto.

Bakhtin e Medviédev, ao engendrarem sujeitos situados social e historicamente, com seus pontos de vista, tons axiológicos, circunscrevem reflexões, em linguística, mais complexas, pois não se utilizam apenas de elementos inerentes ao sistema da língua, mas sobretudo por signos extraverbais, ou seja, reconhecem a exterioridade constitutiva da língua. É nesse sentido que Nascimento, Santana e Leal postulam que

Como a língua é dinâmica e seu sentido só pode ser construído no discurso vivo a depender de aspectos ideológicos, históricos, sociais, culturais que lhe são constitutivos, em todo uso, a língua se apresenta como uma ação responsiva e responsável, ou seja, a relação entre os discursos é dialógica e todo enunciado concreto veicula ideologia que parte do falante individual. Por outro lado, todo discurso aponta para uma resposta, interage com o interlocutor, esperando dele uma réplica, em geral, previsível. Dessa forma, a compreensão dos discursos ocorre a partir da construção do tema da língua, considerando o propósito discursivo dos interlocutores e os aspectos extraverbais que lhe são constitutivos. (2018, p. 163).

Sobre a noção de discurso mobilizada por Bakhtin e o círculo, importa esclarecer que não consiste em exposições diretas nem retóricas, como se viu bastante na Antiguidade clássica e na Idade Média. Não se refere às conferências dos grandes oradores, nem muito menos são discursos que passam por um processo de autorização. Para além dessa agenda, o discurso em perspectiva dialógica compreende vozes que são mobilizadas por sujeitos responsáveis, os quais recorrem a outros discursos existentes para corroborar os seus, em sua maioria por situações do cotidiano.

Medviédev, ao elaborar críticas ao modelo de ensino e propagação artístico-literária dos formalistas na primeira metade do século XX, chama atenção para a importância primordial do material ideológico, que é constitutivo da linguagem. Na posição de pesquisadores/cientistas da linguagem por exemplo, “É necessário saber isolar o objeto de estudo e delimitá-lo corretamente, de modo que essa delimitação não o separe do que lhe é essencial, suas ligações com outros objetos, ligações sem as quais ele próprio torna-se incompreensível. A delimitação deve ser dialética e flexível”. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 133). Nessas instâncias interpretativas,

Se nós, no processo de isolamento do objeto ideológico, nos

distanciarmos das relações sociais que o atravessam e das quais ele é uma das mais sutis manifestações, se o retirarmos do sistema de interação social, então, nada restará do objeto ideológico. Restará apenas um puro objeto da natureza, talvez com sabor levemente ideológico. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 134).

Nesse sentido, destacamos que a compreensão dos estudiosos russos não formalistas avigora o pensamento de que os usos da língua ocorrem sob uma perspectiva dialógica, por meio de gêneros discursivos, que legitimam, relativamente, as práticas que desenvolvemos em sociedade. Imbuídos desse pensamento, valemos das proposições do Círculo de Bakhtin quando põe em relevo que os gêneros são historicamente situados, culturalmente construídos e ideologicamente saturados de valores e sentidos.

As atividades humanas – nos mais variados campos discursivos de uso da linguagem – organizam as formas de enunciados, escritos e/ou orais, de forma mais ou menos estável, dando origem aos gêneros do discurso, como menciona Bakhtin (2016, p. 12 [grifos do autor]): “[...] cada campo da utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros discursivos*”. Na seção seguinte, em que é realizada a análise, foram condensados olhares dialógico-discursivos sobre a capa de revista *IstoÉ*.

2. Olhares dialógico-discursivos sobre a capa da revista *IstoÉ*

Inicialmente, considerando a relevância do contexto de produção para os estudos da linguagem, pelo prisma da ADD, pretendeu-se situar o contexto de produção do gênero capa de revista, sob três perspectivas, a saber: o *auditório social* da publicação; o sujeito da enunciação da narrativa do texto midiático - Fernando Haddad e o evento do cavalo de Tróia (conforme imagem).



Figura 1: Capa da Revista IstoÉ - Edição nº 2548
Fonte: <https://istoe.com.br/edicao/2548/>

A figura em análise apresenta enunciados verbais e não verbais que remetem a enunciações que manifestam possíveis relações dialógicas com o contexto sócio-histórico situado, *relativamente estável* e prenehe de múltiplos sentidos. Estes são convocados por finalidades discursivas determinadas, a saber: a campanha política do presidenciável Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), como veremos a seguir.

No que se refere ao não verbal, pudemos perceber que, do ponto de vista do plano expansivo imagético da capa da revista, a cor preta e laranja são entonadas, ideologicamente, de modo que remete os leitores ao campo semântico de guerra. O estado de Brasília está representado por três de seus monumentos: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida; O palácio Itamaraty, sede do ministério das relações exteriores e o Congresso Nacional. Ao redor fulguram, na construção arquitetônica, cores espessas que convocam o sentido de uma preeminente centelha de fogo com o intuito de enfatizar a ideia de um cenário de arena épica.

A expansão imagética apresenta, no grande centro, a figura de um imenso

cavalo, cuja pele está cheia de divisões fibrosas – é como se fossem ligas metálicas que enformassem o animal, cujo rosto se estende para a dimensão superior esquerda. Nesse cenário, no que tange ao auditório social da publicação, ou seja, ao contexto histórico no qual a capa da revista foi enunciada, verificamos uma remissão cronotópica à etapa final do segundo turno, isto é, uma semana antes da eleição presidencial no Brasil.

A corrida presidencial travada entre o petista Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), foi marcada por alto índice de rivalidade entre os eleitores, e dentre outros aspectos, por grandes inserções midiáticas de notícias falsas, conhecidas como *Fake News*, dissimulando, dessa forma, inverdades em vários aspectos, como: números de pesquisas eleitorais, processos jurídicos, posicionamentos ideológicos e, até mesmo, propostas de campanha de ambos os candidatos, deixando o cenário político com um aspecto de arena.

Neste estudo, consideramos Fernando Haddad⁶, um dos candidatos ao cargo de Presidente da República Federativa do Brasil, como sujeito da enunciação, pois este se constitui como tema central da capa, aqui analisada, em que há a inscrição da relação dialógica com o evento troiano.

Cabe ressaltarmos que em 2016, Haddad tentou se reeleger ao cargo de Prefeito de São Paulo, mas obteve apenas 16,7% dos votos válidos dos eleitores paulistas ficando em segundo lugar na disputa com o candidato João Dória, eleito no primeiro turno. Ainda, tendo por base a conjuntura da eleição de 2018, à época, Fernando Haddad respondia a trinta e dois processos⁷, que vão desde o recebimento de dinheiro da Lava Jato a denúncias por improbidade administrativa e superfaturamento de obras.

Em se tratando do contexto do evento histórico que envolve a figura do Cavalo de Tróia, mobilizado, valorativamente, pela revista IstoÉ, destacamos que é descrito, originalmente, por Homero na epopeia clássica da mitologia grega, A *Ilíada*⁸. De

⁶ Haddad, cinquenta e cinco anos, professor universitário – formado em Direito, Mestre em Economia e Doutor em Filosofia, atualmente professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo - USP – ocupou, em sua carreira política, os cargos de Ministro da Educação entre os anos de 2005 e 2012 e prefeito de São Paulo, a maior cidade do país, entre 2013 e 2016. Filiado ao PT, foi oficializado como candidato à presidência após o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ser declarado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), devido a problemas judiciais.

⁷ Essas informações são apresentadas na reportagem de capa do exemplar da Revista IstoÉ em questão.

⁸ Trata-se de um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuído ao poeta Homero – embora até os dias atuais existam inúmeros debates sobre a autoria das obras clássicas *Odisséia* e *Ilíada*, uma vez que, segundo alguns historiadores, não há provas de que este artista tenha realmente existido – onde são narrados os acontecimentos que culminaram com a Guerra de Tróia, sobretudo, os cinquenta dias deste combate, no décimo e último ano deste conflito. Assim, esse épico poema é estruturado por 15.693 versos, compostos em hexâmetro dactílico, o estilo convencional adotado pela poética heroica da Grécia (MANACORDA, 2006).

acordo com Manacorda (2006), a Guerra de Tróia narra a luta entre gregos e troianos, motivada, dentre outros aspetos, por desventuras amorosas, como o episódio do rapto de Helena – esposa do rei espartano Menelau – realizado pelo troiano Páris, provocando um enorme embate que durou cerca de dez anos e culminou com a construção do Cavalo, deixado, posteriormente, às margens das muralhas de Tróia, como uma suposta proposta de paz dos gregos, assumindo, assim, a forma de um presente.

No que se refere, especificamente, ao Cavalo de Tróia, trata-se de um dos principais símbolos dessa guerra, mobilizado como estratégia pelos gregos para derrotar os troianos. Com base na descrição histórica do texto da Ilíada, o Cavalo de Tróia, feito de madeira e totalmente oco por dentro, fora construído a partir da ideia do guerreiro grego, Odisseu, de erguer um gigantesco cavalo e presentear os troianos, como um gesto simbólico de rendição da guerra.

Assim, de acordo com o relato de Homero, tendo por base os escritos de Manacorda (2006), os soldados aceitaram o hipotético presente e o colocaram no interior da cidade, e logo em seguida deram início a uma grande comemoração com bebidas e danças, a fim de celebrar a rendição do inimigo.

Contudo, durante a madrugada, quando os soldados estavam dormindo cansados e embriagados, centenas de guerreiros gregos saíram de dentro do cavalo e abriram os portões da cidade para o exército que invadiu, saqueou e dominou Tróia, decretando o fim de mais de dez anos de cerco à cidade.

É nessas instâncias de produção discursiva que decorre o conhecido desdobramento dialógico-valorativo “presente de grego” atribuído popularmente quando alguém está se referindo a algo que ganhou, mas que não será útil ou trará sérios problemas, isto é, um presente falso, com intenções escusas.

Outra relação dialógica, atribuída com base nesse evento, é o vírus computacional conhecido com Cavalo de Tróia (*Trojan Horse*), que tem por finalidade “abrir as portas” para que um invasor (*hacker*) possa, dessa forma, infectar o sistema operacional do computador, colocando em risco à segurança dos dados do seu usuário. Esta nomeação se deu dialogicamente relacionada à epopeia grega, pelo fato deste vírus vir escondido dentro de outro programa, como se fosse inofensivo.

Dessa forma, percebemos que há uma relação dialógica na capa da revista que coloca na cena da discussão uma relação de semelhança entre a candidatura de Haddad e as significações sociais, historicamente situadas, a respeito do “presente grego” e do vírus computacional, Cavalo de Tróia – tanto no texto não verbal quanto no verbal –

valorando-a, assim, de modo depreciativo.

Em se tratando da construção discursiva da imagem do Cavalo de Tróia, inferimos que ela representa a própria candidatura do candidato petista e das fundamentações a que esta candidatura se filia, ou seja, a imagem convoca, dialogicamente, a noção negativa do cenário político – um presente de grego que chegara a fim de destruir a região onde ele se encontra (Brasília).

Outra percepção, do plano geral, são as nuvens negras, dispostas no topo da imagem, carregadas de conotações de que “maus tempos” caminham em direção a Brasília, sugerindo assim, na nossa ótica, a real possibilidade de intempéries – em uma possível vitória eleitoral do Fernando Haddad – no cenário político do Brasil.

Destacamos que, cronotopicamente, este evento enunciado, na capa da revista, emana o sentido de uma ameaça política, uma vez que, segundo pesquisa do Ibope⁹, realizada neste recorte temporal, ocorria uma diminuição significativa no percentual de votos entre os candidatos no segundo turno na corrida presidencial.

Nessa linha de raciocínio, o símbolo da épica guerra grega, disposto na capa da IstoÉ, denuncia quem está, de fato, inserido dentro do cavalo: as figuras políticas vinculadas ao PT, conhecidas, segundo parte da história política brasileira, como políticos demasiadamente envolvidos em atos de corrupção, justificando, assim, a obviedade destacada na manchete da capa – o Cavalo de Tróia mais óbvio da história –, visto que no epopeia de Homero, os soldados gregos ficaram, estrategicamente, escondidos dentro do grande cavalo de madeira a fim de surpreender, sorrateiramente, o exército troiano.

Em sequência, dentro do cavalo, estão, assim, organizadas as figuras petistas: da esquerda para direita, os políticos Gleice Hoffman¹⁰ (sentada), seguida por Lindberg

⁹ Segundo pesquisa promovida pelo Ibope, publicada no site G1, o candidato Fernando Haddad cresceu, em seis dias, 17% entre os eleitores que ganham até um salário mínimo. Ele lidera, ainda, no Nordeste, alcançando 31% das intenções de voto – um crescimento de 18% nos mesmos seis dias. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/> acesso em 28/12/2018.

¹⁰ A Deputada Federal pelo Paraná e atual Presidente Nacional do PT, Gleice Hoffman, é advogada, diplomada pela Faculdade de Direito de Curitiba e, antes do atual cargo político, já ocupou a cadeira de Senadora da República, Ministra Chefe da Casa Civil (durante o governo de Dilma Rousseff) e da presidência da Comissão de Assuntos Econômicos e do Parlamento do Mercosul, para além de ter sido Diretora Financeira da Itaipu Binacional (durante o governo do Presidente Lula). Hoffman responde a processos no Supremo Tribunal Federal (STF) relacionados às acusações de corrupção e lavagem de dinheiro vinculadas à operação Lava Jato, e é alvo de duas denúncias do Ministério Público e de uma investigação da Polícia Federal (cabe ressaltarmos que a deputada foi absolvida em 2018 de um dos processos no STF).

Farias¹¹, Fernando Pimentel¹² e Dilma Rousseff¹³ (os três últimos citados em pé), assim como José Dirceu¹⁴ (sentado).

Nesses termos, outra leitura também é possível a partir da posição ocupada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva¹⁵ na construção do cavalo. Observamos que Lula é posicionado de modo central no cavalo, tendo como referência Haddad e os militantes petistas. Logo, essa disposição de centralidade aciona o sentido de liderança, tanto de modo geral aos filiados ao PT quanto ao modo específico da candidatura do Haddad.

Portanto, nessa materialidade imagética o raciocínio não parte de Haddad – que ocupa a posição de cérebro – mas de Lula, que compõe o papel de orquestrador, de comandante, em outras palavras, aquele que vai a frente. Essa possível liderança em relevo, fora por muitas vezes questionadas durante a corrida presidencial, tanto pelos opositores de Fernando Haddad quanto pela mídia de um modo geral, fato este que, provavelmente, na nossa ótica, promoveu mudanças, durante o segundo turno, na

¹¹ Lindberg Farias foi presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Prefeito da cidade de Nova Iguaçu e Senador da República (mandato até fevereiro de 2019). Responde a 15 inquéritos e a uma ação penal na Corte Suprema, para além de outras quatro investigações que chegaram ao STF. Dentre as denúncias, o político é acusado de montar esquema de captação de propina na Prefeitura de Nova Iguaçu entre 2005 e 2010; armar fraude em licitação de gás de cozinha para o preparo de merenda escolar; transações suspeitas entre Prefeitura e o Instituto de Aposentadoria dos Servidores Municipais (PREVINI), em valores que chegam a 300 milhões de reais. Nessas condições, é apontado, segundo dados da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), como o senador com maior número de investigações no STF.

¹² Fernando Pimentel, economista, foi docente e coordenador do Centro de Extensão da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, no departamento de Economia. Na política ocupou o cargo de Prefeito de Belo Horizonte, Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (durante o governo Dilma) e Governador de Minas Gerais. Pimentel é acusado, pela Polícia Federal, durante seu mandato de Governador, por corrupção passiva, organização criminosa, lavagem de dinheiro e tráfico de influência, e pela Procuradoria Geral da República pelo crime de falsidade ideológica para fins eleitorais por suposta fraude na prestação de contas de campanha - o chamado caixa dois.

¹³ Dilma Rousseff, formada em Economia, ocupou, durante o governo Lula, as chefias do Ministério de Minas e Energia e da Casa Civil. A posteriori, assumiu, democraticamente, a presidência do Brasil em 2011, sendo reeleita em 2014. Contudo, em meados de 2016 a, então Presidenta Dilma, é afastada do cargo, por meio de um processo de *impeachment*, pelo suposto envolvimento em crime de responsabilidade consistente nas “pedaladas fiscais” e na edição de decretos de créditos suplementares.

¹⁴ José Dirceu, formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), ocupou, em sua carreira política, vários cargos, como: Deputado Estadual por São Paulo, Presidente Nacional do PT, Deputado Federal também pelo Estado de São Paulo e Ministro Chefe da Casa Civil (durante o governo Lula). O ex-Ministro foi condenado pelo STF, em 2012, por crime de corrupção ativa e por participação no esquema conhecido como Petrolão (2016) – pelo suposto recebimento de R\$ 2,4 milhões em propinas de duas empreiteiras a partir de contratos com a Petrobrás. Em meados de 2017, Dirceu recebeu sua terceira condenação ligada à Operação Lava Jato – 11 anos e três meses pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. As penas somadas, no âmbito da Lava Jato, chegam a 31 anos.

¹⁵ Luiz Inácio da Lula da Silva, ex-metalúrgico e sindicalista, membro fundador do PT. Após três candidaturas, foi eleito Presidente da República em 2002 e reeleito em 2006. Lula é acusado por 10 atos de corrupção e 44 atos de lavagem de dinheiro, no esquema de corrupção descoberto na Petrobrás pela Operação Lava Jato. Atualmente encontra-se preso na Polícia Federal do Estado do Paraná, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex em Guarujá (SP).

campanha¹⁶ do petista.

Outra linha de raciocínio, pela qual podemos enveredar, é o discurso proferido pela capa de que o ex-presidente Lula, diante dos militantes petistas, é venerado, é idolatrado, sendo assim, o coração – dialogando com as funções vitais do corpo humano – do partido, o órgão mais importante.

Ainda, no que se refere ao conteúdo visual da capa, importa destacarmos os semblantes dos políticos petistas na ilustração da capa em análise. Dessa forma, pudemos perceber, um tom de sarcasmo – nas faces e gestos dos filiados ao PT, dentro do cavalo – mobilizado, axiologicamente, pela revista como recurso estilístico com o intuito de oferecer maior expressividade do discurso enunciado: uma subversão da ordem e da realidade, relacionando-se, assim, ao universo da inversão, do deslocamento e da contradição. Em se tratando dos aspectos verbais, destacamos que a manchete da revista explana, discursivamente, o advérbio de intensidade (mais) – O Cavalo de Tróia *mais* óbvio da história – como objetivo de acentuar, valorativamente, a partir da relação dialógica com o evento troiano em destaque, a propositura eleitoral do candidato Haddad.

Na continuidade da manchete, percebemos o uso de expressões que, mobilizadas axiologicamente, convocam também o tom de negatividade, de má conduta, como no enunciado “Haddad posa de democracia”, no intuito de sugerir que este candidato apenas fingiu discursar/agir em benefício da população. Some-se a isso o peso semântico valorado pelas expressões “malfeitores petistas”, referindo-se aos aliados do Partido dos Trabalhadores e o enunciado “...comandada pelo prisioneiro Lula, assaltou o Brasil”.

Toda essa disposição de enunciados não foi construída por acaso, mas estrategicamente arquitetada, uma vez que a revista IstoÉ mobiliza publicações de teor político, tanto de viés da Esquerda quanto dos partidos de Direita. Tendo como premissa polemizar grandes acontecimentos, a revista referida tratou de refletir e refratar a performance do então candidato à presidência da república brasileira no 2º turno Fernando Haddad, assim como alguns dos principais aliados do PT. A orquestração verbo-visual, nesse direcionamento, tentou deslegitimar os discursos proferidos pelo PT, reacentuando a postura sócio-política dos sujeitos dispostos na capa da revista.

¹⁶ Cabe ressaltarmos que durante o embate eleitoral no segundo turno percebemos mudanças estratégicas por parte do candidato petista, tais como a mudança de cores do *slogan* da campanha – teve início com a cor vermelha, tradicional do PT e depois assumiu as cores da bandeira nacional.

Considerações Finais

Ao analisar a capa, pudemos perceber que tanto o conteúdo visual quanto as escolhas lexicais usadas no texto verbal vão ao encontro das filiações ideológicas da revista que funcionam, discursivamente, no sentido de depreciar a candidatura de Fernando Haddad.

A partir da abordagem dos gêneros discursivos, foi possível compreender que a capa da revista IstoÉ se utilizou de estratégias semântico-axiológicas, na mobilização de enunciados verbo-visuais, para polemizar acontecimentos políticos referentes ao segundo turno das eleições à presidência do Brasil, em que contracenavam Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Nesta edição, foram elencados sujeitos filiados ao Partido dos Trabalhadores e representantes do Partido Comunista do Brasil para lhes atribuir valorização negativa, o que é reverberado na tangência entre a palavra e a imagem no rito arquitetônico dos sentidos plurais.

Esperamos que esse nosso trabalho possa contribuir para pesquisas em variadas esferas discursivas, e que possa ecoar em horizontes socioideológicos. Por fim, salientamos que não se configuram nossas palavras como últimas ou fechadas, mas figurantes em um grande campo de atravessamentos dialético-dialógicos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária; O discurso no romance. In.:_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo, UNESP; Hucitec, 2002, p. 13-210.

_____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro e João, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2013.

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2006.

MEDVIÉDEV, P. N. **O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma**

poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. LEAL, José Luciano Marculino. Tema e significação em tirinhas: nas reminiscências de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov. In: **Revista científica Foz**, São Mateus – ES, v. 1, n. 2, p. 160-173, 2018. Foz, São Mateus – ES, v. 1, n. 2, p. 160-173, 2018

REVISTA ISTOÉ. São Paulo, nº 2548, 19 out. 2018. Pesquisa em: <https://istoe.com.br/edicao/2548/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In: PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. SILVEIRA, Éderson Luís (orgs). **O ensino na Educação Básica: Diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

.....

Artigo submetido em: 13/02/2019

Artigo aceito em: 20/04/2019

LEAL, José Luciano Marcolino; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. Olhares epistêmicos e(m) relações dialógicas: o gênero discursivo capa de revista. **Revista DisSoL** – Discurso, Sociedade e Linguagem., Pouso Alegre (MG), ano 5, nº 9, jan-jun/2019, - ISSN 2359-2192. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí. pp. 36-49. Disponível em: <http://revistadissol.univas.edu.br> DOI: <http://dx.doi.org/10.35501/dissol.voi9.548>